



GT 05. Antropologia da Biomedicina

Coordenador(es):

Jaqueline Teresinha Ferreira (Instituto de Estudos em Saúde coletiva)

Ednalva Maciel Neves (PPGA/UFPB)

Sessão 1 - Biosaberes e biopolíticas

Debatedor/a: Débora Allebrandt (UFAL - Universidade Federal de Alagoas)

Sessão 2 - Adoecimentos, sistemas e cuidados em saúde

Debatedor/a: Cíntia Liara Engel (UnB)

Sessão 3 - Narrativas de parto, violência obstétrica e outras afetações

Debatedor/a: Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Este Grupo de Trabalho dá continuidade ao diálogo iniciado na III Reunião de Antropologia da Saúde, realizada em Natal/2019, desvelando uma experiência rica de pesquisadores brasileiros que apresentaram etnografias com temas instigantes calcadas em técnicas de pesquisa já consagradas e /ou inusitadas e questões reflexivas de pesquisa. Assim, a proposta é ampliar e aprofundar essa discussão a partir de trabalhos etnográficos sobre a medicina ocidental, a biomedicina, como campo de investigação, envolvendo a produção de conhecimento e tecnologias biomédicas, assim como seus efeitos na experiência coletiva e pessoal. Desta forma, o enfoque é sobre a complexa trama contemporânea do bio: mercados, tecnológicas, interpretações, apropriação de saberes e práticas, direitos e ativismos. Dentre as reflexões, pensamos em dialogar acerca: construção do saber profissional sobre o corpo, definições sobre saúde e doença, questões éticas relacionadas às biotecnologias, cuidado humanizado, comportamentos dos/das pacientes em relação à busca de diagnósticos (testes genéticos, diagnósticos por imagens) e tratamentos (tecnologias reprodutivas, cuidados paliativos) relação médico/a-paciente e diálogos com outras racionalidades terapêuticas. Igualmente contamos com os aspectos políticos, econômicos e éticos que podem animar esses debates.

Tratando famílias: clínica geriátrica e seus objetos

Autoria: Cíntia Liara Engel (UnB)

Entre 2016 e 2018, realizei uma etnografia sobre os modos como uma geriatria multidisciplinar de um hospital universitário no Distrito Federal compõe a sua terapia em relação às demências. Neste espaço, atuam médicos especializados em doenças relacionadas ao envelhecimento, os geriatras, e outros profissionais interessados nas questões do envelhecimento, os gerontólogos. Nesse paper, argumento que a família é recortada como objeto de intervenção na clínica geriátrica e, ainda, como a reforma das relações familiares é uma das principais pautas de disputa política da gerontologia. Ao observar os atendimentos, notei que um dos objetos de tratamento na clínica era a própria família e suas divisões internas de cuidado. Termos como ?insuficiência familiar? e ?sobrecarga da cuidadora? eram utilizados como parte do diagnóstico. Eram, inclusive, incluídos na lista de ?problemas? escrita nos prontuários junto de outros diagnósticos, como hipertensão e Doença de Alzheimer. Tais diagnósticos orientavam e movimentavam as intervenções terapêuticas de modo bastante amplo. Tanto no sentido de guiar as famílias a buscarem soluções jurídicas sobre a divisão de cuidado, como na mediação da quantidade de medicamentos ? alguns deles, inclusive, serviam para apaziguar as relações familiares. Assim, ao observar esse tratamento, pude concluir que um dos objetos de intervenção dessa geriatria eram as próprias relações familiares. Ao observar a atuação política de



geriatrias a outros profissionais envolvidos com a gerontologia, ainda, percebi que tal objeto não era restrito ao tratamento, mas a reforma das famílias e das relações familiares com idosos é uma das pautas políticas de vários geriatras e gerontólogos ? especialmente no que tange ao cuidado das demências e outras doenças crônicas.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: